



História: Debates e Tendências

ISSN: 1517-2856

felipeabal@upf.br

Universidade de Passo Fundo

Brasil

Heinsfeld, Adelar

A neutralidade na Primeira Guerra Mundial em debate: o papel da imprensa chilena

História: Debates e Tendências, vol. 14, núm. 2, julio-diciembre, 2014, pp. 360-379

Universidade de Passo Fundo

Passo Fundo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552456386009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A neutralidade na Primeira Guerra Mundial em debate: o papel da imprensa chilena

Neutrality in First World War in debate: the role of chilean press

La neutralidad en la Primera Guerra Mundial em discusión: el papel de la prensa chilena

Adelar Heinsfeld\*

## Resumo

Em agosto de 1914, o mundo assistia ao início do conflito do que se convencionou chamar de a Primeira Guerra Mundial. Envolvendo as grandes potências europeias, os diferentes governos ao redor do mundo sentiram a necessidade de fixar e externar sua posição em relação à guerra. Havia três opções: ingressar e combater ao lado dos aliados, fazer isso ao lado dos impérios centrais ou permanecer neutro diante do conflito. Logo no início da guerra, como todos os países do continente americano, o Chile, por meio do governo de Ramón Barros Luco, declarava que o país adotou o princípio da neutralidade. Essa posição foi respaldada pela opinião pública, pois os vínculos políticos, econômicos e culturais que o país possuía com os países beligerantes não justificariam uma ruptura. A entrada dos EUA no conflito em 1917, e a ruptura com Alemanha por parte de vários países americanos promoveu uma mudança

no cenário nacional chileno e surgiram vozes no país que propunham o abandono da neutralidade. Iniciava no país um amplo debate sobre a posição chilena diante do conflito que se tornava mundial. Dessa forma, a grande imprensa teve um papel preponderante nesse debate. Para este artigo, foram analisadas os editoriais dos jornais *El Mercurio* e *El Diario Ilustrado*, da capital Santiago, e *La Unión*, de Valparaíso, periódicos diários onde o posicionamento que o país deveria adotar foi intensamente discutidos.

*Palavras-chave:* Imprensa. Primeira Guerra Mundial. Neutralidade. Chile.

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em História da UPF. Doutor em História pela PU-CRS. Este texto é resultado das atividades de pós-doutoramento realizado na Pontificia Universidad Católica de Chile, de agosto de 2012 a março de 2013, como bolsista Capes.

Recebido em 28/10/2014 - Aprovado em 28/10/2014

<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.14n.2.4578>

Um dos maiores historiadores contemporâneos, recentemente falecido, escreveu que a imprensa escrita, utilizada como documento, “é antes de mais nada o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulada,...”<sup>1</sup> No Brasil, num estudo que pode ser referência nacional, Maria Helena Capelato chama a atenção que na grande imprensa, o murmúrio da *vox populi* – voz do povo – ecoa longínquo enquanto ressoa forte a *vox domini* – voz dos dominantes.<sup>2</sup> A partir da imprensa, é possível fazer com que a pesquisa histórica sobre determinada temática ganhe nova roupagem. A partir dessa, é possível perceber, não exatamente o que estava acontecendo num determinado período, mas aquilo que a opinião pública pensava que estava acontecendo. Na imprensa, a apresentação das informações não é uma mera repetição de ocorrências e de registros, dada aleatoriamente, mas ao contrário, denota as atitudes próprias de cada veículo de informação, uma vez que todo órgão de imprensa organiza as informações sobre os acontecimentos segundo seu próprio “filtro”. O historiador que busca na imprensa a interpretação do passado precisa lembrar que “na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado.”<sup>3</sup> Ao se pretender fazer uma análise temática tem-se que considerar o significado dos discursos, independentemente de sua forma linguística. A análise se desenvolve a partir de temas

de significação relativos a um determinado objeto de estudo e vistos em termos de sua presença e frequência de aparecimento nos textos perquiridos.

A escolha dos três jornais chilenos para a compreensão da posição que o país adotou diante da Primeira Guerra Mundial não foi aleatória. Na capital, Santiago, os dois diários mais importantes, que estavam consolidados no início dos anos 1910<sup>4</sup> e que sobreviveram àquela década,<sup>5</sup> foram *El Mercurio*<sup>6</sup> e *El Diario Ilustrado*.<sup>7</sup> Em Valparaíso, cidade sede do maior porto marítimo do país e que terá destaque durante a guerra, o jornal mais importante era *La Unión*.<sup>8</sup> Eram, portanto, os jornais de maior circulação e maior influência no país.

Em 29 de junho de 1914, *El Mercurio*, o mais importante diário da capital chilena trazia como manchete principal o assassinato do príncipe herdeiro do Império austro-húngaro, Franz Ferdinand, ocorrido no dia anterior em Sarajevo, capital da Bósnia, país dominado pela Áustria.<sup>9</sup> Numa reportagem extensa e detalhada, o diário santiaguino jamais poderia imaginar que aquilo que classificava como “tragédia de Sarajevo” se transformasse no estopim do primeiro conflito moderno do Século XX. No dia seguinte, *El Mercurio* destacava que nos últimos trinta anos, nove chefes de Estado, uma rainha, uma imperatriz e dois príncipes haviam sido assassinados pela revolução ou pela anarquia.<sup>10</sup> Nas edições dos dias que se seguiram ao atentado que vitimou Francisco Fernando, *El Mercurio* tecia considerações preocupadas com o futuro do império austro-húngaro.

Em 1º de agosto de 1914, data em que a Alemanha declara guerra à Rússia, motivan-

do o envolvimento da França e Inglaterra nos dias seguintes, *El Mercurio* demonstrava o temor de um conflito generalizado na Europa, que afetaria grandemente o Chile:

Convulsionada Europa, como lo estamos temiendo, nuestra vida de nación, tan íntimamente ligada a ella, recibirá un golpe funesto, no solo por lo grande, sino por lo inmediato. Vivimos una vida artificial, de entradas extraordinarias, no de las normales. No producimos nuestros consumos. Nuestro pan se está haciendo de harina importada; la carne que consumimos nos viene de afuera. Sin la renta del salitre no podremos subsistir: su restricción obraría en el acto en toda la economía nacional y muy especialmente en la administración pública.<sup>11</sup>

Quando o conflito se generalizou na Europa, os povos “subdesenvolvidos” do mundo todo viam “con uma mezcla de estupor y fascinación” como as nações ditas “civilizadas” se jogavam numa guerra destrutiva como nunca havia se visto.<sup>12</sup>

À medida que o conflito iniciado na Europa em agosto de 1914 foi se transformando num conflito de maior amplitude, transformando-se no que se convencionou chamar de Primeira Guerra Mundial, os diferentes governos ao redor do mundo sentiram a necessidade de fixar e externar sua posição em relação à guerra. Havia três opções: ingressar e combater ao lado dos aliados, fazer isso ao lado dos impérios centrais ou permanecer neutro diante do conflito.

Na América do Sul, logo no início da guerra, todos os países adotaram o princípio da neutralidade. Essa posição foi respaldada pela opinião pública, pois os vínculos políticos, econômicos e culturais que a maioria dos países sul-americanos possuía com os países beligerantes não justificariam uma

ruptura e uma tomada de posição ao lado de um dos blocos que ensanguentavam o cenário europeu.

No Chile não foi diferente. Logo no início do mês de agosto, o governo do presidente Ramón Barros Luco, após ouvido o Conselho de Estado, se definiu por declarar a neutralidade do país. Em 4 de agosto, o ministro das relações exteriores Enrique Villagas comunicava às representações diplomáticas dos países beligerantes em Santiago, as disposições adotadas pelo governo pra resguardar a neutralidade:

- a) a proibição absoluta a nacionais e estrangeiros de participarem de atividades políticas que visassem favorecer, econômica ou militarmente a qualquer dos lados em luta;
- b) a proibição total à imprensa chilena de publicar artigo que contivessem expressões injuriosas contra qualquer país beligerante.

Logo no início do conflito, o então presidente chileno Ramón Barros Luco também expressava a necessidade do país manter-se neutro:

La guerra va a ser muy larga. No puede terminar sino por la destrucción de la influencia británica o germánica. Francia será la víctima. Sólo los Estados Unidos pueden poner término al conflicto. A nosotros nos conviene que continúe la competencia entre Alemania y Gran Bretaña, que ni una ni otra se destruyan. Debemos desear la paz y permanecer neutrales.<sup>13</sup>

A neutralidade, de acordo com o jurista chileno Miguel Cruchaga Tocornal, contemporâneo à Primeira Guerra Mundial, é conceituada como:

La situación de hecho que assume un estado que, durante una guerra internacional se abstiene por completo de tomar parte directa o indirecta en ella, cumpliendo los deberes que, por derecho, le corresponden a su calidad de extraño en la lucha.<sup>14</sup>

A atitude governamental chilena teve um respaldo importante na imprensa do país, como pode ser percebido na publicação de *La Unión*, da mais importante cidade portuária do Chile:

Es satisfactorio tomar nota de que la prensa chilena, secundando la acción de la cancellería y comprendiendo en toda su amplitud los deberes de la neutralidad, se ha mantenido durante el conflicto actual, en un levantado terreno de la prescindencia y de respeto de todas las naciones en guerra.<sup>15</sup>

A imprensa chilena acompanhou com muita atenção todo o desenrolar da então chamada Grande Guerra. Na capital, *El Mercurio* e *El Diario Ilustrado*, e em Valparaíso, *La Unión*, enchiam suas páginas com informações a respeito das ações bélicas que se desenvolviam nos campos de batalha da Europa. Obviamente a posição do país em relação à guerra também era acompanhada muito de perto pela imprensa, contribuindo para a formação da opinião pública sobre o conflito.

Logo após o início da guerra na Europa, *El Diario Ilustrado* se mostrava partidário de que o Chile deveria trilhar o caminho da neutralidade:

Está visto que la neutralidad, lo mismo que la fé, es un don divino, que no puede adquirirse por ningun medio. Desde que comenzó la Guerra Europea, *El Diario Ilustrado* no há pretendido otra cosa que no sea manifestarse partidário de ninguno de los bandos beligerantes [...] Por nuestra parte,

declaramos la neutralidad más completa. Pero una neutralidad de buena ley, una neutralidad típica contra la cual no valgan las insinuaciones de la fuerza y de los intereses; y para ello tomamos de modelo a la potencia más neutral de Europa: Suecia. Sepan, pues, los amigos beligerantes que estamos resueltos a “hacernos los suecos” mientras dure el conflicto. Con esto, reiteramos nuestra declaración de neutralidad absoluta.<sup>16</sup>

Essa posição vai ser mantida pelo *El Diario Ilustrado* durante todo o conflito. Suas páginas acolheram a opinião dos mais aguerridos partidários da neutralidade chilena: Galvarino Gallardo, Luis Orrego Luco e Javier Vial Solar.

É interessante notar que, na maioria das vezes, ser defensor ou estar a favor da neutralidade se confundia com as posições que se tinha frente à guerra. Por isso, nas posições dos personagens anteriormente citados, podemos perceber uma tendência que poderíamos qualificar ao menos de simpática para com os Impérios Centrais.

Enrique Rocuant, contemporâneo à Primeira Guerra, e que deixou importante análise sobre a posição do Chile frente àquele momento conturbado da história mundial, escreveu a respeito da imprensa:

Sabido es que la gran mayoría de la Prensa chilena adería, sin reservas, a la causa de los aliados y que la pequeña minoría que le era hostil, obedecía a inspiraciones de propietarios católicos extremados; los que, en este país, como en todas partes, entendieron que debían abrazar la causa de los Imperios Centrales, considerandola favorable a los intereses generales de la Iglesia, contra la opinión de gran número de Conservadores chilenos, que no consideraban ligada la suerte del catolicismo a la suerte de las armas prussianas.<sup>17</sup>

É importante salientar as ligações do Chile com os países beligerantes. De acordo com Ricardo Couyoumdjian, para numerosas gerações de chilenos, a França era fonte de cultura, uma vez que a arte, a literatura, o teatro, a moda e os periódicos franceses exerciam uma forte influência na classe alta chilena. A admiração pela Inglaterra era devido ao seu sistema político e a influência que a marinha britânica exercia sobre a marinha chilena, além da forte vinculação econômica e financeira entre os dois países. No entanto, muito mais forte era a influência da Alemanha no Chile. Essa influência era percebida no exército, em que desde 1885 se havia iniciado a reorganização e a germanização do setor das forças armadas. Também no campo pedagógico, era perceptível a influência alemã. Mesmo no setor econômico, desde o final do Século XIX, os alemães passaram a competir com os ingleses no comércio, finanças e navegação, fazendo com que certos setores sociais passassem a ter respeito e admiração por tudo o que fosse alemão. Também é necessário lembrar o reconhecimento do Chile pela atitude da diplomacia alemã durante a Guerra do Pacífico (1879-1883), quando se opôs à intervenção de governos europeus e norte-americano no conflito.<sup>18</sup>

O diário *El Mercurio*, em editorial, no início do grande conflito, sintetizou de uma forma bastante clara essa relação:

A los alemanes debemos servicios involuables, relaciones cordialísimas y hasta buena amistad que contribuye a fortalecer el éxito de su comercio. A los ingleses debemos ejemplos en el mar y en negocios. A Francia debemos especialmente recuerdos y sentimientos íntimos [...] El hecho que se estén jugando sus destinos los tres pueblos

que han ayudado más a la organización y riqueza del país, conturba profundamente el alma nacional.<sup>19</sup>

A historiografia em torno da neutralidade chilena na Primeira Guerra Mundial não é muito abundante. Poucos historiadores dedicaram-se a estudar essa temática.

O historiador norte-americano Fredrick Pike destaca a germanofilia e o anti-americanismo existentes no Chile como elementos explicativos para a neutralidade do país frente à Grande Guerra. Afirma que “a neutralidade chilena se sustentava através de uma mescla entre os sentimentos pró-alemães e anti-americanos.”<sup>20</sup>

Mario Barros Van Buren, historiador chileno, na já clássica obra *História Diplomática de Chile*, compartilha da visão de Fredrick Pike, afirmando que apesar da neutralidade declarada, a maior parte do país era favorável aos Impérios Centrais. “La gan masa del país, polarizada por sus fuerzas armadas y la influencia cultural de la misión pedagógica alemana, miró con simpatía la causa de las Potencias Centrales.” Destaca, entretanto, que “sin llegar a apasionamientos excesivos.”<sup>21</sup>

Em uma das poucas obras que aprofunda a discussão de como a guerra afetou o país, Ricardo Couyoumdjian afirma que a maior parte dos chilenos estava efetivamente a favor da neutralidade. Além das simpatias germanófilas o que explica a neutralidade chilena são as boas relações comerciais que o Chile mantinha com todos os beligerantes, em especial com a Inglaterra e Estados Unidos.<sup>22</sup>

Chilenos contemporâneos à Primeira Guerra Mundial publicaram obras nas quais

externaram seu posicionamento diante do conflito. O deputado do partido radical Enrique Rocuant fazia uma apologia à neutralidade, ao escrever logo depois do término da guerra:

Quién encrabe esas líneas era convencionalmente aliadófilo; deseaba el triunfo de las democracias y deseaba las derrotas de las autocracias y el militarismo; sus simpatías lo ligaban a Francia e Inglaterra sin que nada lo alejara del pueblo, de la colectividad laboriosa e industrial alemanas.<sup>23</sup>

Havia os partidários dos Impérios Centrais, como Galvarino Gallardo Nieto, futuro deputado ministro da fazenda e ministro das relações exteriores do Chile. Com sua posição germanófila, defendia a Alemanha das críticas feitas pelos chilenos aliadófilos.

[...] el calumniado militarismo alemán está muy lejos de ser lo que se imagina la gente que no oye sino censuras en su contra. No es el organismo que consume las fuerzas todas del país, no es tampoco la entidad que dirige la política nacional. Basta decir que Alemania gasta menos dinero en sus fuerzas armadas que en la instrucción pública, para de mostrar cuan errados son los datos que se dan con el objeto de presentar al ejército en forma exagerada, caricaturesca y perniciosa.<sup>24</sup>

Talvez por curiosidade, é necessário dizer que durante os quatro anos que durou a guerra, o Chile teve 13 ministros de relações exteriores. Apesar da instabilidade ministerial, com as constantes mudanças do ministro das relações exteriores, os posicionamentos políticos em relação à guerra adotados pela chancelaria chilena sobreviveram às distintas administrações e mantiveram uma continuidade durante o período. Apesar da constante troca de ministros, a continuidade da política do ministério era garantida por

Carlos Castro Ruiz, Subsecretário de Relações Exteriores. Segundo Ricardo Couyoumdjian, dentro dos limites da neutralidade, o subsecretário se mostrou de grande ajuda aos aliados, mantendo estreito contato com o ministro chileno em Londres, Agustín Edwards, proprietário de *El Mercurio*.<sup>25</sup>

Quando a guerra iniciou, em agosto de 1914, todos os países da América optaram pela neutralidade. No entanto, quando em janeiro de 1917 a Alemanha decretou o bloqueio naval irrestrito, que resultou no rompimento de relações diplomáticas dos Estados Unidos e logo depois na declaração de guerra, a maioria dos países do continente abandonou a neutralidade. Dos países americanos, mantiveram-se neutros até o final do conflito apenas Argentina, Chile, Colômbia, México, Paraguai e Venezuela.

No caso chileno, a neutralidade em relação ao grande conflito compreende três etapas:

- 1ª) de agosto de 1914 até abril de 1917 – do início do conflito até a entrada dos EUA na guerra;
- 2ª) de abril de 1917 a novembro de 1918 – da entrada dos EUA até o final da guerra.
- 3ª) de novembro de 1918 a 1920 - do término do conflito até as primeiras sessões da Sociedade das Nações em 1920.

Na primeira etapa, como todos os países do continente americano optaram pela neutralidade, não houve maiores discussões no Chile sobre qual posição tomar. Obviamente que é possível especular a respeito da existência, na sociedade chilena de partidários dos aliados e dos impérios centrais.

Se disse que el Ejército y la Iglesia eram pro-alemanes, como lo habría sido el círculo que rodeaba al presidente Sanfuentes. Em el mundo económico, en la Armada y en los sectores “progresistas”, si se quiere, la “izquierda”, había más admiración por los aliados, especialmente entre radicales y liberales. Pero los hechos son más complejos. Salvo las colonias residentes, y algunas opciones personables intransables, sólo se puede hablar de estados de ánimo. [...] Sólo en un sentido extremadamente figurativo, hasta lo irreconocible, se podría hablar de un “partido pro-alemán” y otro “pro-aliado”.<sup>26</sup>

Apesar de ter se declarado oficialmente neutro, o Chile sofreu violações de sua neutralidade por ambos os lados dos contendores.

Em fins de 1914, a esquadra alemã dirigida pelo almirante Maxmilian von Spee tomava o rumo do litoral chileno, pois havia perdido sua base mais importante no Pacífico – Tsingtao (Japão) e o Chile parecia ser um lugar seguro para dirigir sua frota. As boas relações do Chile com a Alemanha e a possibilidade de abastecimento de carvão em portos chilenos pesaram na decisão. Von Spee pretendia também distanciar-se do rádio de operações da esquadra inglesa que dominava praticamente todos os mares do mundo.

A convenção de Haya de 1907 proibia os beligerantes de combater em zonas neutras. No entanto, o mar jurisdicional do Chile transformou-se em campo de batalha. Na chamada batalha de Coronel, em 01 de novembro de 1914, a esquadra do almirante Maxmilian von Spee, com os cruzadores pesados *Gneisenau* e *Scharnhorst*, derrotou a esquadra britânica comandada pelo almirante Christopher Cradock, fazendo com que os

navios *Good Hope* e *Monmouth* afundassem com toda sua tripulação.<sup>27</sup> Cabe destacar que esse foi praticamente a única vitória naval alemã em toda a guerra. Após a vitória, von Spee é recebido triunfalmente pela colônia alemã em Valparaíso.

Uma das questões abordadas pela imprensa nessa primeira etapa da neutralidade foi a imposição por parte da Inglaterra da *Statutory List*, vulgarmente conhecida como Lista Negra (ou Black List) no final de 1915. A aplicação dessa medida polêmica pelo governo britânico causou problemas a vários países que mantinham o estado de neutralidade diante do grande conflito. Em virtude dela, os súditos britânicos ficavam proibidos de estabelecer relações econômicas com qualquer indivíduo ou empresa que tivesse origem em qualquer dos países inimigos, mesmo que estivessem sediados em países neutros.<sup>28</sup> Para a fiscalização, tiveram papel relevante, os consulados britânicos espalhados pelo mundo, pois os agentes consulares deveriam listar os nomes dos desobedientes, para entregar ao Foreign Office da Inglaterra. As investidas desses cônsules extrapolaram os limites usuais de suas atribuições e redundaram em pressão sobre empresas que atuavam no Chile.<sup>29</sup> Negociar com alguém incluso na lista ocasionava a entrada nessa, estabelecendo um problema. Assim intimações, exigências e denúncias eram feitas de modo a desrespeitar sistematicamente a soberania chilena.

*El Mercurio*, ao fazer a crítica da medida tomada pelo governo inglês, para hostilizar o comércio pertencente ao inimigo, alertava que a medida estava produzindo um enorme dano ao comércio chileno, pois



[...] no sólo afecta a los germánicos contra los cuales va dirigido, sino a todas las transacciones, cualquiera que sea la nacionalidad del comerciante, dificultándolas y en ciertos casos llegando a paralizarlas.<sup>30</sup>

Afirmava *El Mercurio* que o governo inglês estava considerando a questão apenas do ponto de vista de seus interesses. Considerava até natural que um país “emplee por su parte todos los recursos para hacer daño al adversario, difícilde reducir.” No entanto, lembrava, que os inimigos da Inglaterra reagiram à altura, pois “en su defensa no han vacilado en hacer una guerra marítima como nunca se hubiera soñado posible en el mundo que alardeaba de civilización y humanitarismo.” Com as listas negras, a exploração do salitre, principal produto de exportação chilena, cujas minas estavam em grande parte nas mãos de empresários alemães, ficou prejudicada. Como isso, a pauta de exportação do país foi bastante afetada, diminuindo a arrecadação tributária.<sup>31</sup>

*El Diario Ilustrado* vai lembrar que a Conferência Internacional de Paz em Haya (1907), onde participaram Inglaterra, Alemanha, Chile, havia emitido um documento no qual estabelecia que em caso de guerra, as autoridades competentes deveriam assegurar a manutenção das relações comerciais e industriais entre as populações das potências beligerantes e os Estados neutros. Assim, conforme esse princípio subscrito pelas potências em guerra, as empresas nacionais e estrangeiras neutras que atuavam no Chile não violavam minimamente a neutralidade, pelo fato de manter relações comerciais com empresas de nacionalidade beligerante, fossem britânicas ou alemãs. Importava isso sim, de acordo com aquele periódico, uma

aberta violação da neutralidade o fato de que existiam atos de hostilidades e de pressão sobre chilenos ou neutrais residentes no Chile, para impedir o comércio com empresas de nacionalidades beligerantes.<sup>32</sup>

A preocupação demonstrada por *El Diario Ilustrado* é que o estabelecimento das listas negras não afetava apenas aos alemães existentes no Chile:

La clausura de las oficinas alemanas acarreará perjuicios, no sólo a sus dueños que sean alemanes, sino también a sus operarios que son chilenos, a los pueblos del norte que viven del trabajo salitrero y especialmente al Fisco chileno.<sup>33</sup>

Toda a polêmica causada pelo estabelecimento da Lista Negra serviu para mostrar que os princípios liberais que serviam de referencial para economia, oriundos da própria Inglaterra, não estavam sendo considerados, maculando os tradicionais princípios da livre concorrência, que sempre foram defendidos pelos britânicos como base da civilização. Nesses princípios civilizacionais, os alemães não se enquadravam, de acordo com boa parte da bibliografia produzida na época.

Em abril de 1917, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, a questão toma outro rumo e a neutralidade chilena vai ser intensamente debatida.

Um dia após a entrada dos EUA, *El Diario Ilustrado* anunciava com alarde: “La entrada de Estados Unidos a la guerra amenaza con romper el equilibrio de los países neutrales.”<sup>34</sup> No dia seguinte afirmava: “Desde Washington se asegura que los aliados se esforzarán por comprometer en la guerra algunas naciones sudamericanas.”<sup>35</sup>

E o periódico não estava errado: poucos dias depois, Cuba, Panamá, Guatemala e Nicarágua declaravam guerra aos Impérios Centrais. Certamente, a posição desses países está relacionada aos reflexos da doutrina do Big Stick, que resultou na tutela política norte-americana, bem como na dependência econômica desses países em relação aos Estados Unidos.

Após declarar guerra à Alemanha os Estados Unidos começaram a pressionar para que os demais países da América rompessem relações diplomáticas com aquele país. Ricardo Couyoumdjian afirma que na América do Sul o Brasil dirigiu a campanha para que as relações com as potências centrais fossem cortadas; no entanto, “Argentina, con la ayuda de México, trató de asumir una posición independiente.”<sup>36</sup>

Como resposta para aqueles que acreditavam que o Chile iria sofrer pressão para acompanhar os Estados Unidos e declarar guerra aos Impérios Centrais, começaram a surgir editoriais destacando que a situação chilena era muito distinta dos países da América Central.

Pero em Chile ¿acaso hay algo de todo eso? Aquí no hay influencia nortamericana; los intereses que los Estados Unidos poseen entre nosotros no son de tal entidad que lleguen a ejercer un influjo predominante; no hay en nuestras costas peligros graves para los aliados, porque la guerra esta muy distante de esta zona; y em vez de resentimientos, el país tiene motivos de profunda gratitud para con uno y otro grupo de los beligerantes.<sup>37</sup>

As relações diplomáticas Brasil-Chile eram as melhores possíveis. Por isso, a situação do Brasil era acompanhada com preo-

cupação por parte da imprensa chilena. O afundamento do navio Paraná, em 5 de abril de 1917, fez com que o Brasil rompesse relações com a Alemanha no dia 11 daquele mês, ainda sem declarar guerra. Até a declaração de guerra e a entrada do Brasil no conflito, em outubro de 1917, a imprensa chilena especulou e fez conjectura a respeito da situação do Brasil. No mesmo dia em que o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, *La Unión* ressaltava que muitos países poderiam tomar posição, rompendo a neutralidade: “Y no passa un día sin que el cable nos traiga noticias de alguna nación que se prepara a seguir camino de la hermana septentrional.” Salientava ainda que “el Brasil esta a punto de hacerlo y se espera de un día a otro su declaración, si es que no há sido lanzada mientras escribimos estas líneas.”<sup>38</sup>

*La Unión* externava o temor que os acontecimentos poderiam levar o Chile a seguir o mesmo caminho que o Brasil:

En vista de este incendio que aumenta día a día, y talvez por el temor de que el viento del norte, que es el que siempre nos trae tempestades, nos traiga también la tormenta de la guerra, algunos se preguntan si no llegará a nuestro Chile la ráfaga de la locura, o si no se encadenarán desgraciadamente los hechos de tal manera que lleguen a meternos en la conciencia sanguinaria que hoy se propaga a todos los vientos.<sup>39</sup>

Entre o afundamento do navio Paraná e o rompimento com a Alemanha, acreditava-se que o Brasil pudesse entrar na guerra naquele momento, acompanhando os Estados Unidos. *El Diario Ilustrado* torcia para que isso não acontecesse.

Hagamos votos para que la República hermana del Brasil pueda salvar su actual conflicto satisfactoriamente, sin llegar a la ruptura de hostilidades. Renovemos también nuestro voto por la paz, porque el mantenimiento de la neutralidad misma va siendo un problema de dificultades crecientes.<sup>40</sup>

Um dia após o rompimento brasileiro com a Alemanha, o mesmo *El Diario Ilustrado* continuava a manifestar seu temor:

No faltan razones para inquietarse, que la paz súbitamente podría disiparse. Incidentes como el acontecido al Brasil puede ponernos diante de un grave problema: es posible que el campo de las operaciones de guerra submarina se extienda; los derechos de los neutrales han sido poco considerados. Entre tanto, la conciencia nacional debe darse por satisfecha, porque no por imprudencia de nuestro país, habrían fracasado nuestros firmes propósitos de neutralidad y paz.<sup>41</sup>

A tomada de posição dos dois grandes países da América fazia com que outros órgãos da imprensa chilena acompanhassem essa atitude com interesse redobrado:

La entrada de los Estados Unidos a la guerra y la ruptura de relaciones del Brasil, son hechos que nosotros contemplamos con el debido interés, pero que no afecta la situación que hemos mencionado. Por consiguiente no tenemos por que abandonar la neutralidad em que costosamente nos mantenemos.<sup>42</sup>

No entanto, enquanto alguns defendiam a manutenção da neutralidade chilena a todo custo, começavam a surgir vozes na imprensa do país, defendendo o abandono da posição tomada no início da guerra. Alguns temiam que o Chile pudesse ficar isolado no concerto das nações americanas se

não assumisse uma posição proativa diante da guerra.

Es hora de decisiones. Los que ahora se callen o sometan, los que por ahora ignoran que hay un vasto interés humano envuelto en esta terrible crisis, son países que quedaran indefinidamente fuera de la vida internacional de los pueblos cultos. Las naciones que aspiren a ser alguien en el continente que habitan, a tener un significado, deben asumir ahora una actitud precisa. Era una ilusión que nunca he compartido la de que en esta guerra sería posible para un hombre o para una nación con la conciencia clara de sus deberes morales ser neutral absoluto y perpetuo.<sup>43</sup>

Esse era um artigo do jornalista Carlos Sila Vildósola, personagem fundamental que por meio de suas colunas escritas desde a Europa para *El Mercurio*, atacava a posição neutral do governo.<sup>44</sup> Para ele, a ruptura com os impérios centrais e o abandono da neutralidade eram como um dever moral.

Quando o Brasil rompeu com a Alemanha, *El Mercurio* defendeu que o Chile não só deveria demonstrar todo o apoio ao Brasil, mas que deveria seguir o mesmo caminho, dando mostras de “solidaridad continental”. Em editorial assinalava que “el gobierno traicionaría los sentimientos de Chile si no interpretara al del Brasil como lo siente realmente el alma nacional.”<sup>45</sup>

Com essa tomada de posição, *El Mercurio* passou a ser catalogado como inimigo da neutralidade, sofrendo críticas por isso, como a emitida por *La Union*: “Con la única excepción de un solo diario, la prensa toda há sostenido, sin vacilaciones ni discrepancias, que Chile debe mantener su neutralidad. Es también el pensamiento de la opinión pública.”<sup>46</sup>

Para *El Mercurio*, o Brasil que fazia as coisas às claras estava dando o exemplo a ser seguido pelos demais países vizinhos

Del Brasil se sabe ya por numerosas declaraciones de sus hombres públicos [...] que protestará y que se unirá a la política de los Estados Unidos. En esta ocasión, todo lo que sabe el Brasil y su atitute se há publicado en Europa revela una orientación definida, una política, un gobierno que sabe a donde va y una nación que tiene consciência de su posición internacional. De la Argentina poco se sabe [...] Chile también se calla.<sup>47</sup>

*El Mercurio* destacava que a imagem do Chile no exterior começava a ficar fortemente prejudicada, tendo em vista que se encontrava muito próximo da Alemanha. Publicava as declarações do presidente do Conselho de Ministros da Espanha que afirmava que o “Chile es casi una colônia germana, la influencia germánica allí es tan formidable que no creo piensen en hacer nada contra los impérios centrales.”<sup>48</sup>

Os adeptos do rompimento com a Alemanha passaram a dar uma conotação negativa para a expressão neutralidade. Deixar de ser neutro era uma condição moral.

Era una ilusión que nunca he compartido la de que en esta guerra sería posible para un hombre o para una nación con la conciencia clara de sus deberes morales ser neutral absoluto y perpetuo. Por el origen de la guerra, por la extensión que ha tomado, por el carácter violativo del derecho que le ha dado la Alemania, la guerra tenía que afectar moralmente a todos los pueblos.<sup>49</sup>

Inúmeros personagens do mundo político chileno utilizaram a imprensa para expor suas opiniões e convicções sobre a

posição que o país deveria manter em relação à guerra. É o caso do deputado Joaquín Walker Martínez, do Partido Conservador, que embora fosse partidário dos aliados, era um defensor intransigente da neutralidade. Aproveitava para atacar os partidários do rompimento, em especial aos que se manifestavam através de *El Mercurio*, propriedade de seu adversário Agustín Edwards Mac-Clure.

Yo no me explico la actitud de los diaristas que condenan la conducta de nuestro gobierno y que querían que fuésemos nosotros a extremos que ellos mismos no se atreven a indicar. ¿Que pretenden? ¿Que declaremos la guerra, como Estados Unidos? Pero, si no nos han echado a pique ningún buque, ni nos han muerto un marinero. ¿Que cortemos relaciones, como el Brasil? Si no es ese nuestro caso. ¿O se quiere que mandemos una esquila a Estados Unidos hablándole de nuestra solidarización? No; reservémonos para otros actos, economicemos palabras.<sup>50</sup>

A solidariedade continental, ou pan-americana, questionada por Joaquín Walker era o principal argumento utilizado por aqueles que defendiam o fim da neutralidade chilena. No entanto, para ele, o fato de o país não ter sofrido agressões, como sofreram Estados Unidos e Brasil, não justificaria a adesão solidária.

O pan-americanismo não era bem visto no Chile no início do Século XX. Ricardo Couyoumdjian esclarece que

aunque Chile favorecía la solidaridad interamericana, desconfiaba de las intenciones políticas de los Estados Unidos hacia América Latina. Las proposiciones para un pacto panamericano siguieron encontrando resistencia en Chile.”<sup>51</sup>

Diante disso, ficou claro que seria necessário mais do que um simples ideal para o país se envolver num conflito de tamanha grandeza. “No hay principio, alianza, conflicto, ni causa alguna que justifique una variación en la política internacional sudamericana, así que nada excusaría a un gobierno de la República que arrojará a su país en el conflicto universal.”<sup>52</sup>

A ideia do rompimento da neutralidade em nome da solidariedade com os demais países da América era refutada de forma veemente:

Así, si Cuba rompe relaciones con Alemania para acompañar a los Estados Unidos y si Brasil quiere también hacer defensa común con el coloso del norte [...] Allá ellos. Pero, pensamos nosotros y pensamos todos, si Chile ni la Argentina, ni otros pueblos sudamericanos tienen vela en este entierro, pues felizmente en la gran contienda no se hallan agravados sus intereses.<sup>53</sup>

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra e o rompimento da neutralidade da neutralidade do Brasil, surgiu uma espécie de alarmismo no Chile, tendo em vista a situação que o país poderia enfrentar. Assim, os jornais que defendiam uma posição mais próxima daquela preconizada pelo governo, começaram a publicar uma série de artigos em torno da necessidade de evitar os exageros a respeito da posição que o país deveria tomar.

Y tal ha sido la preocupación de algunas personas que se ha llegado a decir que, desde que Chile es independiente, jamás se le ha presentado una situación más difícil y peligrosa [...] No somos tan optimista que creamos estar en el mejor de los mundos; pero tampoco somos tan pesimistas que demos ya por declarada una guerra con quien quiera que sea.<sup>54</sup>

No dia seguinte, *La Unión* voltava à carga, chamando a atenção que não se poderia dar crédito a tudo o que se ouvia ou lia: “Hoy se debe predicar la desconfianza y la duda como el mejor antídoto contra la necesidad belicosa. Hoy conviene decir que no se debe creer, tratándose de estas materias: ni todo lo que se oye, ni todo lo que se lee.”<sup>55</sup>

Na mesma semana, *La Unión* reproduzia uma entrevista concedida pelo presidente do senado, Eduardo Charme Fernández, a um jornal de Buenos Aires, em que reiterava a continuidade da neutralidade chilena.

Chile debe mantener su neutralidad a toda costa, como lo ha hecho hasta ahora. No debe romperla, sino cuando un hecho que le afecte directamente lo obligue a ello, y ojalá este caso no se presente. Así lo hicieron también los Estados Unidos y la República del Brasil. Mantuvieron su neutralidad hasta que vieron hundidas alguna de sus naves. Nuestro país debe, pues, repito a ustedes, mantener su neutralidad hasta cuando sea posible.<sup>56</sup>

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra e a pressão para que os demais países da América rompessem com a neutralidade, começou a ser discutida uma proposta para a realização de um Congresso de neutros, para que os países americanos pudessem enfrentar o problema em conjunto. No Chile, a ideia do chamado “Congreso de Neutrales” foi encarada com certo ceticismo por parte da imprensa, pois havia dúvidas sobre a efetividade de uma iniciativa assim. Em editorial, *El Diario Ilustrado*, retrata bem esta situação.

Se habla de una conferencia en Buenos Aires, en que tomarían parte todos los países sudamericanos, para unificar y robustecer sus derechos de neutrales y su acción frente a la guerra. No dejaremos de participar en ella, si llega a resolverse. Sin embargo hacemos algunas reservas sobre su eficacia en la situación actual del mundo. ¿Revochará Alemania su decisión sobre la guerra submarina, tomando en cuenta a los países sudamericanos? Es difícil esperarlo [...] La conferencia sudamericana dejaría en sustancia las cosas como están. Cada país quería conservar plena libertad para mantener su neutralidad o para romper relaciones diplomáticas o para tomar parte en la guerra según su propia situación y circunstancias.<sup>57</sup>

A ideia da realização de um Congresso de Neutros, em que os países tomariam uma posição em conjunto lembrava a ideia da solidariedade continental, que tinha no Chile inúmeros detratores. Um editorial de *El Diario Ilustrado* reflete o sentimento de boa parte da opinião pública do país.

Nació la idea de esta conferencia en momentos de pánico ou de apasionamiento producidos por la entrada a la guerra de los Estados Unidos y del rompimiento de relaciones del Brasil con Alemania, y como es natural, se temió aquí en el primer momento, cuando entre nosotros mismos se hacía forzoza propaganda para seguir el camino de aquellos países amigos, que la proyectada conferencia tuviera por objeto arrastrar a la América entera hacia una política que, considerada con mas calma podría ser perjudicial para muchas naciones, entre las cuales se contaría Chile.<sup>58</sup>

Em maio de 1917, um periódico de Nova York informava que haveria um pacto secreto entre Chile e Alemanha, objetivando assegurar aos germânicos um contrapeso na América do Sul à influência norte-americana.

De acordo com o artigo, que causou grande estupor na imprensa nacional chilena, o acordo havia sido firmado durante a visita ao país em 1913, do príncipe Enrique, irmão do Kaiser Guilherme II. Em troca da colaboração chilena, a Alemanha se comprometia a ajudar o Chile na sua reivindicação sobre a Patagônia em disputa com a Argentina.<sup>59</sup>

Apesar do alvoroço causado, logo se descobriu que a notícia que causou sérias apreensões na opinião pública chilena não tinha fundamento algum; era algo que não correspondia à realidade dos acontecimentos.

O próprio *El Diario Ilustrado* em editorial demonstrava o quanto a falsa notícia tinha causado preocupação nos meios diplomáticos chilenos, uma vez que arranhava a imagem do país.

Al aparecer el artículo ese, que hería nuestro prestigio de nación neutral, las agencias de noticias y los corresponsales lo acogieron, poco menos que con entusiasmo, difundiendo por el mundo entero una noticia malévola [...] Alcanzó a dañarnos. El extracto de sus opiniones se transmitió como una noticia seria y se publicó en diversos periódicos considerables de Europa y América. Hasta hoy mucha gente seguirá creyendo que Chile mantiene una política doble y su neutralidade es una hipócrita actitud.<sup>60</sup>

Os periódicos chilenos na maioria dos casos tomavam uma posição determinada frente à guerra e assumiam posturas, seja contra ou a favor da neutralidade do país, as quais eram destacadas muitas vezes tácita e, outras vezes, explicitamente nas páginas editoriais.

*El Diario Ilustrado* abriu suas páginas aos defensores da neutralidade, que muitas vezes eram os que poderíamos chamar de

germanófilos. Posição semelhante vai ter o diário *La Unión*, de Valparaíso. Em ambos os jornais aparece também como elemento comum o vínculo com setores conservadores e católicos. Nem poderia ser diferente, uma vez que o proprietário de ambos os órgãos de imprensa era o então senador Joaquín Echenique Gandarillas, do Partido Conservador. Em um editorial de abril de 1917, podemos perceber como *La Unión* explicita sua posição frente à guerra e seu apoio às ações do governo para manter a neutralidade:

Por su parte, La Unión tiene también motivos especiales para sentir complacencia de la colaboración que há prestado a esta obra de patriotismo, al asumir la resuelta actitud e defensa de la neutralidad que adoptó desde los primeros momentos en que se diseñaron las primeras perturbaciones, sin una sola vacilación, sin una sola debilidad, movida también por la sola y única inspiración de defender los intereses del país, independientemente de simpatías y afecciones, que deben ceder su puesto al supremo interés de la patria.<sup>61</sup>

Em 21 de abril de 1917, *La Unión* publicou uma enquete com trinta figuras chaves do mundo político do Chile. A todos a pergunta foi: “Debe Chile permanecer neutral o declararse a favor de algunas de las entidades beligerantes?”

Apenas o futuro presidente do país, o então senador Arturo Alessandri, do Partido Liberal, declinou em responder. As respostas fornecidas pelos entrevistados foram unâni- mes: o Chile deveria manter a neutralidade.

Uns dias antes da publicação da enquete, *La Unión* havia entrevistado o presidente do senado chileno, Eduardo Charrie Fernández, do Partido Liberal Independente, que afirmava:

Chile debe mantener su neutralidad a toda costa, como lo há hecho ahora. No debe romperla, sino cuando un hecho que le afecte directamente lo obligue a ello, y ojalá este aso no se presente. Así lo hicieron también los Estados Unidos y la República del Brasil. Mantuvieron su neutralidad hasta que vieron hundidas algunas de sus naves. Nuestro país, debe, pues, repito a ustedes, mantener su neutralidad hasta cuando sea posible.<sup>62</sup>

No mesmo dia, *El Diario Ilustrado* reforçava a necessidade da manutenção da neutralidade, destacando que esta era a posição da maioria no país.

La verdad es que los chilenos no seguimos ni seguiremos a nadie para reglar nuestra conducta en la actual contienda internacional. País, prensa, gobierno, han marchado hasta aquí con perfecta uniformidad de criterio. Con excepción de “El Mercurio”, nadie há pretendido que Chile deba salir de su estricta neutralidad sin causas justificadas, sin recibir ofensas directas, por conveniencias o por atraerse simpatías determinadas.<sup>63</sup>

Agustín Edwards Mac-Clure, o proprietário de *El Mercurio* era considerado “el primer anglófilo del país”. Importante personagem político vinculado ao Partido Nacional, ex-ministro das relações exteriores, sua estadia em Londres como ministro Plenipotenciário durante a Primeira Guerra Mundial propiciava altos contatos, favorecendo sua posição anglófila.

A posição de *El Mercurio* era criticada de forma enfática por *El Diario Ilustrado*, que continuava a defender a posição tomada pelo governo chileno em relação à guerra:

Debemos reconocer que nos hace daño este proceso que intenta cierto periodismo amarillo para presentarnos como los enemigos del derecho [...] Los ataques que se nos endosan van, pues, directos a condenar la actitud prudente de nuestro gobierno. Tienen a violentar la cordialidad entre Chile por una parte y los Estados Unidos, Argentina y Brasil, por la otra, presentándonos como opositores a toda gestión colectiva.<sup>64</sup>

Enquanto defendia a manutenção da neutralidade chilena, *El Diario Ilustrado* abria suas páginas para personagens do mundo político que eram considerados germanófilos, como Renato Valdés Alfonso. Depois apontar, segundo suas convicções, algumas verdades sobre a Alemanha, afirmando que aquele país não era militarista, o autor tenta tirar da Alemanha a responsabilidade pelo conflito que estava acontecendo.

Achacar toda la culpa del conflicto colosal que cubre de sangre los campos de Europa al militarismo alemán, denota apasionamiento explicable en los pueblos enemigos, pero no en personas que miran de lejos los sucesos o bien es prueba de estrechez de criterio o de ausencia de conocimientos históricos.<sup>65</sup>

Da mesma forma, numa entrevista concedida por Javier Vial Solar, ex-ministro Plenipotenciario do Chile no Peru (1891-1894) e no Brasil (1894-1896), aparece uma defesa veemente da neutralidade. Segundo ele, a hipótese de um Chile declarar guerra a alguém, naquele momento, deveria ser totalmente descartada: não deveria declarar guerra à Inglaterra, apesar dos insultos feitos, com a violação da neutralidade chilena e também não deveria declarar guerra à França, embora esse país tivesse tentado prejudicar o Chile na Guerra do Pacífico. De

acordo com Javier Vial, muito menos deveria ser pensada na hipótese de declaração de guerra à Alemanha. E questionava, ironicamente, as razões pelas quais deveria o Chile entrar na guerra contra esse país:

¿A la Alemania, porque hizo abortar la intervención europea contra Chile durante la guerra del Pacífico ? ¿A la Alemania, porque en otra ocasión estuvo dispuesta a prestar nos otro servicio aun mayor? ¿A la Alemania que, en una tercera ocasión, todavía, fué el mejor amigo de Chile? ¿A la Alemania de la cual tenemos los elementos inmigratorios que han venido a mezclarse con nuestra raza y cuyos robustos retoños pueblan dos de nuestras provincias más ricas? ¿A la Alemania, de donde nos han venido los maestros y los industriales y los capitalistas que han enriquecido al país en los últimos tiempos?<sup>66</sup>

No dia seguinte, a colônia alemã no Chile, em nome das diversas associações existentes, manifestou o agradecimento a Javier Vial pela defesa da justiça dos procedimentos alemães na guerra, dizendo a verdade “en medio de esta tiniebla de falsía y de mentira que envuelve hoy día al mundo”.<sup>67</sup>

Com o fim do conflito, uma terceira etapa relacionada à neutralidade chilena tem início. Essa terceira etapa é marcada pelas primeiras reflexões sobre a neutralidade. Essas reflexões eram decorrentes do que se pensava em Lima e La Paz, pois tanto Peru como Bolívia haviam rompido relações com os impérios centrais e pretendiam que o Chile, por haver mantido sua neutralidade, deveria ser tratado como perdedor da guerra. Para aqueles dois países era uma ocasião propícia para revisar os problemas limítrofes. A criação da Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, gerou um novo cená-



rio internacional para o Chile. Os governos de Bolívia e Peru pretendiam usar o espaço desse novo organismo internacional supranacional para apresentar suas reclamações relativas aos problemas fronteiriços com o Chile pendentes desde a Guerra do Pacífico. Bolívia e Peru consideravam-se participantes de um fórum privilegiado, uma vez que os dois países eram considerados fundadores da Liga das Nações, enquanto o Chile havia ingressado como simples convidado.

Ainda durante o desenrolar da guerra, a imprensa chilena já especulava com essa situação. Fazia-se referência às críticas emanadas no Peru e na Bolívia sobre as consequências que adviriam da neutralidade chilena. *El Diario Ilustrado* reproduzia matérias publicadas em jornais de Lima, em que se afirmava “el gobierno de Santiago debe comprender que el único medio de salvar a Sud-America del conflicto es asumiendo la responsabilidad ante la historia y las futuras generaciones.”<sup>68</sup> Publicações de jornais de Bogotá também eram reproduzidas, onde que se defendia que “la neutralidad era imposible para cualquier país sudamericano,”<sup>69</sup> numa crítica direta à posição mantida pelo Chile.

Essas críticas efetuadas pela imprensa dos países vizinhos que mantinham pendências territoriais com o Chile, eram rebatidas pelos jornais chilenos. Um editorial de *El Diario Ilustrado* procura refletir sobre a imagem que o Chile tinha no estrangeiro naquele momento.

Se dice que somos el estorbo del panamericanismo; y para probarlo se recuerda la oposición chilena al arbitraje obligatorio, el mantenimiento de la cuestión peruana, la resistencia al tratado Wilson, la negaci-

ón de salida propia al Pacífico para Bolivia, y de líneas férreas hacia nuestras costas para la Argentina, la no solidaridad con el Brasil ante el hundimiento del “Paraná”, y por último, el poco entusiasmo de Chile por concurrir a un Congreso de Neutrales. Según estos capítulos, seríamos culpables de ir siempre en contra de idea pacifista, buscando pretextos de disidencias, a fin de aparecer como un país de diplomacia artera y revoltosa [...] Los ataques que nos endosan, pues, rectos a condenar la actitud prudente de nuestro gobierno, tienen a violentar la cordialidad entre Chile por una parte y los Estados Unidos, Argentina y Brasil, por la otra, presentándonos como opositores a toda gestión colectiva, que tenga por objeto romper la neutralidad, en favor de los aliados.<sup>70</sup>

Bolívia e Peru, com apoio da Argentina, estariam procurando fazer com que o Chile ficasse numa situação no mínimo melindrosa frente aos aliados, que forçariam a devolução dos territórios conquistados na Guerra do Pacífico.

Estas tres naciones aprovechan la situación para preparar a la nuestra una situación humillante. Aprovechan el problema aún no resuelto de Tacna y Arica para hacer ver la necesidad de que Estados Unidos, Gran Bretaña y Francia y demás países aliados intervengan en dicho problema e impongan la entrega de las famosas cautivas. Y los países aliados aprovecharán la ocasión para obligar a Chile a entrar en guerra con Alemania y así alejar todo peligro de que los submarinos alemanes puedan tener en nuestras costas el menor refugio y amparo.<sup>71</sup>

À medida que o tempo foi passando e o governo chileno permaneceu firme na decisão de manter o estado de neutralidade diante da grande guerra, os jornais do país foram deixando de discutir e de polemizar em torno daquela atitude. Continuaram,

porém, a publicar diariamente uma quantidade enorme de informações a respeito das atividades bélicas que se desenvolviam no teatro de guerra europeu. Informações em profusão mantinham a opinião pública chilena atenta aos acontecimentos que estavam mudando o panorama mundial.

A posição defendida pelos jornais chilenos refletia a posição política de seus proprietários. Quando *El Mercurio* passou a defender a ruptura da neutralidade, enquanto *El Diario Ilustrado* e *La Unión* continuaram a defender a posição que o país havia assumido desde o início do conflito, apenas estavam refletindo o embate político entre Agustín Edwards Mac-Clure e Joaquín Echenique Gandarilas.

Um dos mais importantes nomes do Partido Nacional, o então ministro chileno em Londres, o proprietário de *El Mercurio* Agustín Edwards, era considerado o “primeiro anglófilo” do Chile e via nos países aliados a base da civilização. Portanto, o Chile como país que caminhava rumo ao desenvolvimento não poderia ficar à margem dos acontecimentos. Era necessário estar ao lado dos “civilizados” para receber os ventos do processo civilizacional.

O proprietário de *El Diario Ilustrado* e *La Unión*, o deputado Joaquín Echenique, era um político com larga trajetória no Partido Conservador. No Chile esse partido tinha profundas ligações com a igreja católica, tendo como princípio fundamental do seu programa a defesa e a propagação das doutrinas e obras católicas. Assim sendo, Joaquín Echenique não via com bons olhos a entrada do Chile na guerra ao lado da França laica e anti-clerical e da Inglaterra anglicana. Por

outro lado, é necessário considerar que tanto o Império austríaco quanto o alemão tinham a religião católica como religião do Estado.

A imprensa chilena, por meio dos seus principais jornais, desempenhou importante papel durante a Primeira Guerra Mundial, fazendo com que a opinião pública do país ficasse informada sobre o que estava acontecendo no teatro de guerra europeu. No entanto, sua grande contribuição se deu no debate intenso sobre a posição que o Chile deveria assumir diante do conflito bélico. Através da imprensa, a discussão sobre a neutralidade saiu dos gabinetes e salões oficiais para chegar até as ruas, fazendo com que a população também contribuísse na tomada de decisão governamental.

## Abstract

In August, 1914 the world watched the beginning of the conflict that is agreed upon to call First World War. Involving European greatest potencies, different governments around the world felt the necessity of fixing and expressing their position towards the war. There were three options: join and fight by the Allies, do it by the Central Empires or stay neutral during the conflict. Right in the beginning of the war, as all the countries in the American continent Chile, on the government of Ramón Barros Luco, declared the country adopted the principle of neutrality. This position was endorsed by the public opinion, because the political, economic, and cultural entailments that the country had with belligerent countries wouldn't justify a rupture. The entry of US in the conflict

of 1917 and the rupture with Germany from various American countries promoted a change in the Chilean national scenario and arose voices in the country that proposed the abandon of neutrality. Began in the country a broad debate on the Chilean positioning during the conflict that was about worldwide. Thereby, the great press had a preponderant role in this debate. For this article, were analyzed editorials from the newspapers *El Mercurio* and *El Diario Ilustrado*, from the capital city Santiago, e *La Unión*, from Valparaíso, daily periodicals where the positioning that the country ought to adopt was intensely discussed.

**Keywords:** Press. First World War. Neutrality. Chile.

## Notas

- <sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 547.
- <sup>2</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 18.
- <sup>3</sup> Ibid, p. 22.
- <sup>4</sup> Outro tradicional periódico chileno, considerado o mais importante do século XIX, fundado em 1855, foi *El Ferrocarril*, que deixou de circular em 1911.
- <sup>5</sup> OSSANDÓN B., Carlos. *El estallido de las formas: Chile en los albores de la "cultura de masas"*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 132.
- <sup>6</sup> Diário fundado em 1900, por Agustín Edwards Mac-Clure (1878-1941), político considerado liberal, vinculado ao Partido Nacional. *El Mercurio*, órgão liberal por excelência, continua em circulação até os tempos atuais. Situado no campo político conservador é o jornal mais influente do Chile.
- <sup>7</sup> Foi fundado em 1902 por Ricardo Salas Edwards. No ano seguinte, foi adquirido pelo então deputado Joaquín Echenique Gandarillas (1863-1959) do Partido Conservador. Jornal de tendência política conservadora inovou graficamente no uso da fotografia; circulou até 1970.

- <sup>8</sup> Fundado em Valparaíso em 1885 pelo sacerdote católico e futuro arcebispo de Santiago, Juan Ignacio González Eyzaguirre, se converteu em um influente periódico regional que serviu de apoio à direita política chilena; adquirido por Joaquín Echenique Gandarillas esteve vinculado durante muito tempo ao Partido Conservador. Foi confiscado em 1972 pelo governo da Unidade Popular, chefiado por Salvador Allende e deixou de circular em 11 de setembro de 1973, no dia do golpe militar encabeçado por Augusto Pinochet.
- <sup>9</sup> *El Mercurio*. Santiago, 29 jun. 1914.
- <sup>10</sup> *El Mercurio*, 30 jun. 1914.
- <sup>11</sup> *El Mercurio*, 01 agos. 1914.
- <sup>12</sup> FERNANDOIS, Joaquín. *Mundo e fin de mundo: Chile en la política mundial, 1900-2004*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2005, p. 77.
- <sup>13</sup> RIVAS VICUÑA, Manuel. *Historia política y parlamentaria de Chile*. Santiago: Eds. Biblioteca Nacional, 1964, tomo I, p. 478.
- <sup>14</sup> CRUCHAGA TOCORNAL, Miguel. *Nociones de Derecho Internacional*. Madrid: Editorial Reus, 1925, Tomo II, p. 373.
- <sup>15</sup> *La Unión*. Valparaíso, 11 agos. 1914.
- <sup>16</sup> *El Diario Ilustrado*, 13 ago. 1914.
- <sup>17</sup> ROCUANT, Enrique. *La neutralidade de Chile: razones que la aconsejaron y la justificaron*. Valparaíso: Sociedad Imprenta y Litografía Universo, 1919, p. 26.
- <sup>18</sup> COUYOUMDJIAN, Ricardo. En torno a la neutralidade de Chile durante la Primera Guerra Mundial. In: SANCHEZ, Walter; PEREIRA, Teresa (Dir.). *Ciento cincuenta años de política exterior chilena*. Santiago: Editorial Universitaria, 1977, p. 180-181.
- <sup>19</sup> *El Mercurio*, 07 ago. 1914.
- <sup>20</sup> PIKE, Fredrick. *Chile and the United States, 1880-1962*. Indiana: University of Notre Dame, 1963, p. 156 (tradução livre).
- <sup>21</sup> BARROS VAN BUREN, Mario. *História diplomática de Chile, 1541-1938*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1970, p. 628.
- <sup>22</sup> COUYOUMDJIAN, Juan Ricardo. *Chile y Gran Bretaña durante la Primera Guerra Mundial, 1914-1921*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1986, p. 55.
- <sup>23</sup> ROCUANT, Enrique. *La neutralidade de Chile: razones que la aconsejaron y la justificaron*. Valparaíso: Sociedad Imprenta y Litografía Universo, 1919, p. 186.
- <sup>24</sup> GALLARDO NIETO, Galvario. *Neutralidad de Chile ante la guerra europea*. Santiago: Soc. Imprenta-Litografía "Barcelona", 1917, p. 150-151.
- <sup>25</sup> COUYOUMDJIAN, 1986, p. 50.
- <sup>26</sup> FERNANDOIS, 2005, p. 81.

- <sup>27</sup> HAWA ARELLANO, Samy. A 90 años del Combate Naval de Coronel. *Revista de Marina*. Viña del Mar, nº 6, nov-dic. 2005, p. 568-574.
- <sup>28</sup> COUYOUMDJIAN, 1986, p. 138.
- <sup>29</sup> Ricardo Couyoumdjian elabora uma lista com 281 nomes, entre empresas e pessoas físicas que atuavam no Chile e que foram incluídos na Lista Negra inglesa (COUYOUMDJIAN, 1986, p. 291-328).
- <sup>30</sup> *El Mercurio*, 15 ago. 1916.
- <sup>31</sup> *El Mercurio*, 15 ago. 1916.
- <sup>32</sup> *El Diario Ilustrado*, 15 ago. 1916.
- <sup>33</sup> *El Diario Ilustrado*, 17 sept. 1916.
- <sup>34</sup> *El Diario Ilustrado*, 7 abr. 1917.
- <sup>35</sup> *El Diario Ilustrado*, 8 abr. 1917.
- <sup>36</sup> COUYOUMDJIAN, 1986, p. 94.
- <sup>37</sup> *La Unión*, 11 abr. 1917.
- <sup>38</sup> *La Unión*, 11 abr. 1917.
- <sup>39</sup> *La Unión*, 11 abr. 1917.
- <sup>40</sup> *El Diario Ilustrado*, 9 abr. 1917.
- <sup>41</sup> *El Diario Ilustrado*, 12 abr. 1917.
- <sup>42</sup> *La Unión*, 13 abr. 1917.
- <sup>43</sup> *El Mercurio*, 1 abr. 1917.
- <sup>44</sup> Muitos destes artigos enviados da Europa serão publicados sob a forma de livro: SILVA VILDÓ-SOLA, Carlos. *La guerra mundial vista por un chileno*. Santiago: Imprenta universitaria, 1916.
- <sup>45</sup> *El Mercurio*, 15 abr. 1917.
- <sup>46</sup> *La Unión*, 14 abr. 1917.
- <sup>47</sup> *El Mercurio*, 01 abr. 1917.
- <sup>48</sup> *El Mercurio*, 08 abr. 1917.
- <sup>49</sup> *El Mercurio*, 01 abr. 1917.
- <sup>50</sup> *La Unión*, 14 abr. 1917.
- <sup>51</sup> COUYOUMDJIAN, 1986, p. 93.
- <sup>52</sup> *La Unión*, 9 abr. 1917.
- <sup>53</sup> *La Unión*, 8 abr. 1917.
- <sup>54</sup> *La Unión*, 15 abr. 1917.
- <sup>55</sup> *La Unión*, 16 abr. 1917.
- <sup>56</sup> *La Unión*, 20 abr. 1917.
- <sup>57</sup> *El Diario Ilustrado*, 18 abr. 1917.
- <sup>58</sup> *El Diario Ilustrado*, 10 may. 1917.
- <sup>59</sup> Citado por *El Diario Ilustrado*, 01 jul. 1917.
- <sup>60</sup> *El Diario Ilustrado*, 01 jul. 1917.
- <sup>61</sup> *La Unión*, 24 abr. 1917.
- <sup>62</sup> *La Unión*, 20 abr. 1917.
- <sup>63</sup> *El Diario Ilustrado*, 20 oct. 1917.
- <sup>64</sup> *El Diario Ilustrado*, 03 may. 1917.
- <sup>65</sup> *El Diario Ilustrado*, 20 may. 1917.
- <sup>66</sup> *El Diario Ilustrado*, 26 abr. 1917.
- <sup>67</sup> *El Diario Ilustrado*, 27 abr. 1917.
- <sup>68</sup> *El Diario Ilustrado*, 30 may. 1917.
- <sup>69</sup> *El Diario Ilustrado*, 01 jun. 1917.
- <sup>70</sup> *El Diario Ilustrado*, 02 may. 1917.
- <sup>71</sup> *La Unión*, 24 ago. 1917.

## Referências

- BARROS VAN BUREN, Mario. *História diplomática de Chile, 1541-1938*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1970.
- BRAVO VALDIVIESO, Germán. *La Primera Guerra Mundial en la costa de Chile: una neutralidad que no fue tal*. Santiago: Ediciones Altazor, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CORTÉS DIAZ, Milton Chile y el proyecto panamericano del presidente Woodrow Wilson, 1914-1917. *Boletín de la Academia chilena de la Historia*. Santiago, año LXXIX - no 122 - Vol. I - Enero-Junio de 2013, p. 121-155.
- COUYOUMDJIAN, Juan Ricardo. *Chile y Gran Bretaña durante la Primera Guerra Mundial, 1914-1921*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1986.
- \_\_\_\_\_. En torno a la neutralidad de Chile durante la Primera Guerra Mundial. In: SANCHEZ, Walter; PEREIRA, Teresa (Dir.). *Ciento cincuenta años de política exterior chilena*. Santiago: Editorial Universitaria, 1977, p. 180-205.
- CRUCHAGA TOCORNAL, Miguel. *Nociones de Derecho Internacional*. Madrid: Editorial Reus, 1925, Tomo II.
- FERMANDOIS, Joaquin. *Mundo e fin de mundo: Chile en la política mundial, 1900-2004*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2005.
- GALLARDO NIETO, Galvario. *Neutralidad de Chile ante la guerra europea*. Santiago: Soc. Imprenta-Litografía "Barcelona", 1917.
- HAWA ARELLANO, Samy. A 90 años del Combate Naval de Coronel. *Revista de Marina*. Viña del Mar, nº 6, nov-dic. 2005, p. 568-574.
- LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 547.

OSSANDÓN B., Carlos. *El estallido de las formas: Chile en los albores de la "cultura de masas"*. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

PIKE, Fredrick. *Chile and the United States, 1880-1962*. Indiana: University of Notre Dame, 1963.

RIQUELME OYARZÚN, Benjamín. La neutralidad de Chile durante la Primera Guerra Mundial. *Revista de Marina*. Viña del Mar, n. 3, p. 268-272, mayo-jun. 2010.

RIVAS VICUÑA, Manuel, *Historia política y parlamentaria de Chile*. Santiago: Eds. Biblioteca Nacional, 1964, tomo I.

ROCUANT, Enrique. *La neutralidade de Chile: razones que la aconsejaron y la justificaron*. Valparaíso: Sociedad Imprenta y Litografía Universo, 1919, p. 186.

SILVA VILDÓSOLA, Carlos. *La guerra mundial vista por un chileno*. Santiago: Imprenta universitária, 1916.